As mudanças estruturais que actualmente se verificam no mundo suscitam variadas interpretações, com diversos desenvolvimentos em diferentes sistemas sociais. É um autêntico safanão sistémico, bem ao sentimento dos tradicionais efeitos dinâmicos do «fim de século». Mas se aos sociólogos importam análises sobre os sintomas das sociedades com vista a detectar as tendências relevantes, aos engenheiros interessa sobretudo partir dos dados concretos e construir o futuro.

Por muito que custe a políticos e juristas, são na realidade os engenheiros e economistas que dão vitalidade construtiva à sociedade tecnológica em que vivemos. Sem a força da inovação produtiva e organizacional, que cria a melhor riqueza com base nos recursos disponíveis, não se verifica o progresso óptimo, as ideias definham e até os grandes líderes caem no terreno.

Naturalmente que as esperanças numa harmonização de relações internacionais, pelo estabelecimento da paz em liberdade, cria condições para fortalecer os relacionamentos extra-nacionais, que justificam a pureza do ambiente global. São estas as motivações na construção de uma Europa unida. Também são estas as razões que deixam vaticinar para breve o fim do conflito in-

terno em Angola. Dar-se-á então início a uma nova era neste país: a fase da edificação das estruturas nacionais.

Neste processo fazem falta homens de visão política, com o duplo alcance a curto e a longo prazo, que terão de conduzir os passos da evolução. Devem surgir os estrategos organizacionais no traçado correcto das linhas de rumo e na concepção dos respectivos modelos estruturais. Mas a execução dos planos de construção requer necessária e indispensavelmente as mãos dos engenheiros, que são mãos inteligentes e vocacionadas para realizar obras.

Não tenho portanto dúvida que o vasto mercado angolano estará aberto à penetração da inteligência dos engenheiros portugueses, em múltiplos domínios de actividade. Mas essa evasão não se

dará sem a mobilização dos empresários mais afoitos, em conjugação com participações em joint-ventures, financiamentos selectivos e cooperação institucional. Em todos os processos, porém, será nítida a chamada à Engenharia.

Quem melhor que nós conhece a realidade de Angola? Quem melhor que os portugueses se adapta ao convívio multicultural? Quem melhor que os nossos engenheiros pode animar, apaixonadamente, o lançamento das bases de uma nação tão promissora? Quem melhor que eu e Você compreende essa boa gente, que se quer reconhecer num projecto digno e potencialmente elevado?

A abertura das fronteiras europeias à livre circulação de profissionais não vai certamente constituir esvaziamento da inteligência nacional, por

razões climáticas, culturais ou mesmo económicas. É que entretanto vislumbram-se novos horizontes de difusão da engenharia portuguesa, sendo Angola o território mais atractivo, aquele que desperta maior número de relações diversificadas, desde a Universidade e formação profissional até às instituições governamentais de planeamento, passando por um vasto leque de acções concretas em engenharia de construção civil, minas, geologia, electrotécnica, mecânica, química, petróleos, metalurgia, materiais, electrónica, telecomunicações, automação, segurança, energética, produção industrial, informática, domótica, etc.

Agora em Portugal reúnem-se especialistas para discutir a «cooperação luso-africana Universidade-Empresa», pela análise das experiências empresariais já vividas, potenciam-se perspectivas para o final do século, fazem-se eco conferências de «quadros angolanos». São múltiplas as iniciativas pontuais, pulverizadas pela ansiedade no tempo de espera, a pedir urgente coordenação, que eleve a sinergia, aumente a eficácia, amplie a produtividade.

Os engenheiros são peritos nestas áreas de optimização. Os engenheiros portugueses querem fazer o melhor por Angola. E farão. ■

Engenharia para Angola

Eng. Hermínio Duarte-Ramos